Uma obra de consciência política negra múltipla*

Rafael Fava Belúzio**

O ano de 2024 está marcado como o primeiro com o feriado nacional do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, conforme lei sancionada pelo presidente Lula. Dentre múltiplos significados, a data expressa trajetórias históricas que possuem em Zumbi dos Palmares símbolo de lutas e resistências. Acompanhando esse longo processo, diversos livros recentes ocasionam sinalizações importantes. Isso é notável no romance *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório; assim como no relançamento do clássico organizado por Abdias do Nascimento: *Dramas para negros e prólogo para brancos*.

Quanto à poesia, dentre muitos livros que merecem destaque, o recente *Anastácia e a máscara* (Editora Malê, 2024) de Henrique Marques Samyn. Mais do que focar apenas neste lançamento, vale notar no percurso do escritor uma consciência poética negra múltipla.

Samyn estreia com *Poemário do desterro*, em 2005. A obra é bem acolhida pela crítica, aparecendo no “Roteiro da poesia brasileira – anos 2000”, de Marco Lucchesi, e obtendo considerações de estudiosos como Wilberth Salgueiro, que pontua a consciência social do autor. No livro de estreia, embora questões ligadas à negritude não ganhem tanto foco, é sensível a atenção para com as pessoas humildes, dicção próxima de Manuel Bandeira. Traços do século 19 também se fazem presentes na modulação das métricas e nas imagens por vezes afins às líricas de Cruz e Sousa e de Alphonsus de Guimaraens. Ademais, o Trovadorismo português é audível no apreço por cantiga e barcarola, sem falar nas semelhanças com o verso ibérico de Camões.

Em 2008, sai *Esparsa erótica*. Nesse volume do professor de Literatura da Uerj, são notáveis influências além da lusitana, como recursos sonoros nipônicos a deslizar na carne das palavras. Já em 2013, quando publica *Estudos sobre temas antigos*, os poemas avançam nas releituras das tradições, ganhando o eu poético modulações incomuns. Os cenários cariocas, baudelairianos desde *Poemário do desterro*, estão agora por vezes fundidos com a cultura clássica, a exemplo do poema de abertura, que traz “a estátua de Hércules/ na Avenida Presidente Vargas: pisavam seus destroços/ burocratas e vagabundos”.

Não por acaso surgem nas páginas epigramas à moda de Calímaco, releitura de Safo e “Rapsódia grotesca para Orfeu e Eurídice”. Samyn está a reescrever o mundo, com frequência fundindo tradições e espaços.

Com a publicação de *Levante*, em 2020, os estilhaços de temporalidades acumuladas se erguem com vigor crescente, acentuando relações com a tradição literária negra brasileira, mas sem perder ecos de outras matrizes e matizando ainda mais o sujeito lírico. Sonoridades trovadorescas reaparecem, bem como alguns traços epigramáticos antigos e formas feitas o soneto petrarquiano; ao mesmo tempo,

há aproximações com Luís Gama, Abdias do Nascimento, Leda Maria Martins, Adão Ventura e tantos outros artistas negros. Na dicção pluriforme de Samyn, são audíveis muitos legados, especialmente ao notarmos que a modulação da voz varia nos poemas, buscando se aproximar de figuras ancestrais evocadas.

Diante disso, o recente *Anastácia e a máscara* persiste criando o mosaico de um eu lírico múltiplo, fragmentado, em consonância com Fernando Pessoa e Carlos Drummond, mas também afinando com a negritude os instrumentos de uma estética plural que retoma, entre outros, Luís Gama e Cruz e Sousa. Assim, o sujeito poético neste e nos demais livros se posiciona de maneira propositadamente instável em relação a questões como metafísica e ética, política e conhecimento. Ora com mais doçura e ora com mais acidez, ora com mais sutilezas e ora com visões mais generalizantes.

Um nome de seção do livro dá ênfase a uma figura histórica e dimensiona a estética multifacetada do autor: “Anastácia e a máscara: sete variações”. Aliás, na sua “Arte poética”, Henrique Marques Samyn mostra apreço memorialístico, tecendo posicionamentos sobre seus ancestrais, ciente de que se pode temperar a voz entre tédio, pressa, distração e outras modulações:

Quando fores escrever,
escreve para os teus mortos,
tuas mortas – sempre estão
sobre ti e ao teu lado –
mesmo quando, por tédio,
por pressa ou distração,
olvidas os seus nomes.
(Cumpre sempre o rito:
ouve o que ressoa
no tempo – entre os silêncios.)
Quando fores escrever,
Honra a memória ancestral:
Nela, buscaste a língua
as vozes e o sentido:
ergue, com palavras,
a morada-monumento
feita derradeiro abrigo.
(p. 28).

Erguendo com palavras moradas-monumentos para lutas e resistências, Henrique Marques Samyn desenvolve uma poesia de consciência negra, com ancestralidade e talento individual pluriformes.

Referência

SAMYN, Henrique Marques. *Anastácia e a máscara*. Rio de Janeiro: Malê, 2024.

* Texto originalmente publicado no Caderno Pensar, do jornal *Estado de Minas*, em 14 de dezembro de 2024.

** Rafael Fava Belúzio é pesquisador de poesia brasileira (Ufes/CNPq). Publicou recentemente *Quatro cliqs em Paulo Leminski* (Editora UFPR, 2024) e organizou *Sou poeta menor, perdoai: Manuel Bandeira pela crítica contemporânea* (Alameda Editorial, 2023).